

# al.mada

ARQUEOLOGIA • PATRIMÓNIO • HISTÓRIA LOCAL

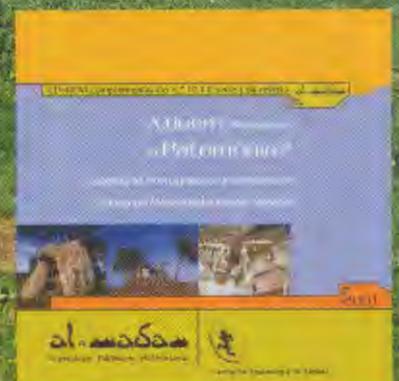
ISSN 0871-066X

## Especial 300 Sítios Arqueológicos Visitáveis em Portugal

A Nova Lei de Bases do Património Cultural

As Gravuras do Alqueva

IIª série • n.º 10  
Dezembro 2001  
€ 12 / 2406500



Esta edição inclui o CD-Rom **A Quem Pertence o Património?**

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA



# A Domus da Villa Romana de Freiria

por Guilherme Cardoso e José d'Encarnação

Se, em 2000, a 16ª campanha de trabalhos na villa romana de Freiria (S. Domingos de Rana, Cascais) teve por finalidade, para além de leves operações de limpeza, proceder – através da equipa de arquitectos chefiada pelo Prof. Pedro Fialho – à conclusão do levantamento gráfico das estruturas a descoberto, neste ano de 2001 toda a atenção se dirigiu para a re-escavação da domus senhorial.

Identificada, mediante sondagens pontuais, logo nas duas primeiras campanhas (1985 e 1986), a domus revelara-se do maior interesse patrimonial: parte das salas estariam pavimentadas a mosaico policromo; havia bases de coluna *in situ*; recolhera-se gracioso lintel de porta e um capitel de estilo coríntio; o *impluvium* estava circundado de “espelhos de água”, de caprichoso recorte, alimentados pelas goteiras, tendo, no interior, espaço para o jardim... Pareceram, por isso, que seria importante recobrir tudo de novo, concentrando a nossa atenção na *pars rustica* da villa, que, pelos vestígios superficiais, se antojava aliciante: primeiro, porque é zona habitualmente pouco escavada numa villa; depois, porque – tal como viria a confirmar-se – teríamos aí as habituais dependências duma grande exploração agrícola: o celeiro, o lagar de azeite, os *cubicula* dos trabalhadores...

Este ano, porém, importava dar a conhecer aquilo de que já poucos se lembravam. Da sondagem passou-se, portanto, a uma escavação sistemática, identificando os locais já anteriormente escavados (pusera-se em cima das estruturas tela e argila expandida) e pondo a descoberto o que era possível, no curto espaço de duas semanas (a terceira foi exclusivamente dedicada ao desenho).

Ficámos, assim, com uma ideia mais correcta de como se estruturava parte da casa senhorial. Em torno do peristilo (encontrámos mais bases de colunas *in situ* e, inclusive, parte do fuste de uma outra), dispunham-

-se, como é de norma, os vários compartimentos, estando os do lado Norte e Leste sobrelevados, pois que a eles se acede por degraus.

Do ângulo nascente, junto à cozinha, arrancaria a escada para o primeiro andar – e só agora, por esse facto, nos foi possível aventar a hipótese de estarmos perante uma casa de dois pisos. Ao lado da cozinha, separando-a, aliás, do lagar de azeite, um corredor que deverá ter servido para os despejos do dia-a-dia, porquanto daí se exumaram inúmeros fragmentos de cerâmica comum e de *terra sigillata* de várias épocas, muitos restos alimentares (mormente de ostras, lapas, amêijoas...).

Muito provavelmente, a entrada nobre, digamos assim, da casa situava-se no ângulo Sudoeste do peristilo, pois aí estava ampla soleira (182,5 x 54 x 8 cm), ladeada dos dois blocos quadrados onde assentariam as ombreiras da porta. Essa ala do peristilo encontrava-se totalmente pavimentada a mosaico policromo de motivos geométricos, que verosimilmente (pelo menos aquando duma das remodelações) se prolongava como pavimento duma das salas oci-



Pormenor do peristilo, visto do seu canto Nordeste. O solo do peristilo assenta na laje natural. Assinalam-se as duas bases de colunas, a base de pilastra a meio do tramo nascente e, ao fundo, à esquerda, deitado, o fragmento de um fuste liso e monolítico de coluna de mármore. Os trabalhos agrícolas a que o terreno esteve sujeito determinaram a destruição do *opus Signinum* que revestia os tanques. Junto ao canto superior esquerdo da foto, a soleira da porta principal.



↑ Figura 1

Panorâmica, de Leste para Oeste, da parte da casa senhorial posta a descoberto na campanha de 2001 (24 x 8 m). Em primeiro plano, o muro divisorio do corredor anexo à cozinha, que se vê em segundo plano, a um nível inferior ao do compartimento da direita da foto, a que se acede por degrau a partir do peristilo. Vêem-se os tanques, de precioso recorte, com uma porção semicircular a meio. Ao fundo, o pavimento de mosaico, distinguindo-se, junto ao ângulo Sudoeste, a grande soleira da entrada principal.

dentais, eventual *triclinium*, onde, em 1986, se abriu um quadrado de sondagem e se dera com a continuação desse mosaico.

Ciente da importância do conjunto, a Câmara Municipal de Cascais já encetou diligências para se proceder à vedação de toda a área arqueológica propriamente dita.

## Burguesia...

Confirma-se, desta sorte, que os proprietários da villa – tanto os primeiros, logo no início da ocupação romana, como os últimos, do séc. IV,

época a que remonta a derradeira remodelação e a pavimentação a mosaico – pertenciam à burguesia local, enriquecida com o negócio agropecuário, de que o amplo celeiro e o lagar de azeite são indícios mais do que evidentes.

Entre as moedas identificadas, salientem-se duas pela sua singularidade e bom estado de conservação. Uma, do Imperador Maxêncio (306-312), ostenta, no reverso, a legenda *Conservator urbis suae*, “conservador da sua cidade”, com a figura de Roma sentada dentro de templo hexástilo de frontão triangular com grinalda ao centro, segurando o globo terrestre na mão direita, cetro e escudo na esquerda. Gasta pelo uso, já nela se não distinguem perfeitamente as siglas que identificariam a oficina monetária; no entanto, o que resta leva-nos a supor que seriam *RBS*, colocadas simetricamente sob o pódio do templo, siglas que se referem a uma oficina de Roma, atribuindo-se a moedas deste tipo uma data que oscila entre 307 e 310 da nossa era. Não se tratará, de facto, segundo sabemos, de um achado comum no território nacional.

A outra moeda, também de bronze – habitualmente designada *AE2* – já é mais vulgar. Traz efigie do imperador Teodósio, identificado no exergo como *D(ominus) N(oster)*, com os epítetos *P(ius) F(elix) AVG(ustus)*. No reverso, a conhecida fórmula *REPARATIO REIP(ublicae)*, a dar

↑ Figura 2

conta do interesse do imperador em se apresentar como continuador de uma tradição, que pretende restaurar, aliás, é por isso que aí se representa o imperador a dar a mão direita a uma figura feminina (Constantinopla? A própria República?), ajoelhada diante dele. Sob as figuras, a legenda *MRB* (provavelmente *SMRB* na totalidade) especifica tratar-se, muito provavelmente, de uma amoedação da segunda oficina da cidade de Roma.

Se excepcionalmente nos demos nestas observações foi porque estes achados vêm confirmar o que temos dito acerca dos proprietários da *villa* romana de Freiria: foram, ao longo dos séculos, burgueses ricos.

### ...Culta

Contudo, para além disso, eram também cultos e viviam requintadamente.

É arquitectonicamente proporcionada, pelo que desde já nos é dado perceber, a divisão espacial da *domus*. E se o *negotium* lhes interessava sobremaneira, ao *otium* não voltariam as costas.

Assim, na sequência de outros achados idênticos, mas de menor qualidade, é de sublinhar que se encontraram, na campanha deste ano, duas invulgares pedras de jogo: uma, de osso, castanha-clara, extraordinariamente bem polida, com uma polegada

da romana (2,4 cm) de diâmetro, base bem plana e parte superior abaulada (altura = 1,2 cm, meia polegada romana) – diríamos estar em presença de uma semi-esfera; a outra, de pasta vítrea, láctea, mais achatada (altura = 0,5 cm, diâmetro = uma polegada romana), também denota um gosto requintado.

Entre os objectos de osso, achou-se o que, de momento, interpretamos como sendo a ponta de uma vareta de guarda-sol ou de sombrinha. De topo em lentilha, tem estrangulamento para o fio, seguindo-se o corpo com dois orifícios por onde passaria o fio de fixar a vareta. Registe-se o cuidado posto na decoração em ranhuras

paralelas, em toda a volta, em cima e em baixo. No interior, vestígio do encaixe para objecto pontiagudo (a vareta). Está completa, mede 1,2 cm (meia polegada romana) de comprimento e 0,8 cm (um terço de polegada romana) de diâmetro exterior.

Falta em Cascais um museu onde esses materiais possam, enfim, ser mostrados ao público. É provável, porém, que, se o Plano de Pormenor – que visa adequado enquadramento urbano do sítio e que ora se encontra em apreciação – chegar a ser aprovado, depressa se possa começar a pensar na musealização do sítio e na apresentação pública dos interessantes objectos daí exumados desde 1985. 